

REPORTAGEM Raparigas com 18 anos dão primeiros passos fora da instituição que as acolheu toda a vida. **Por** Ana Correia Costa (texto) e Pedro Correia (fotos)

Abrir as asas para um novo voo

“**P**erde-se sempre alguma coisa nas mudanças”. Tatiana sabe-o bem e di-lo assim, inesperadamente, numa firmeza que não deveria ainda caber nuns curtos 18 anos, cara de menina a esbanjar confiança. Nela própria e em mais uma nova vida que se segue. Que tem de se seguir.

A mudança – será a terceira ou quarta de Tatiana, mas contar não interessa realmente – está à porta: ontem, foi viver para um “enorme” T4 +1, na Trofa, com três meninas com quem compartilhou os dias nos últimos quatro anos, numa instituição para menores em risco, em Santo Tirso.

Três centros

Cada uma foi parar à Casa do Sol, em Vila das Aves – um dos três centros de acolhimento da ASAS – Associação de Solidariedade e Ação Social de Santo Tirso – por um motivo, cada uma marcada com histórias que se cruzam com as dos outros oito miúdos que ali vivem: abandono, negligência, maus-tratos. Alguns estão



Tatiana Gomes mudou-se ontem para a nova casa, na Trofa, com as companheiras

PEDRO CORREIA / GLOBAL IMAGENS

institucionalizados desde os primeiros anos de vida, sem que lhes coubesse em sorte a adoção; outros, entraram demasiado tarde para isso.

Agora, o tempo é de dar novo passo. Que será uma estreia nas vidas de Tatiana, Liliana, Bruna e Cláudia, com idades entre os 16 e 18 anos, e no percurso da ASAS, que com elas inaugura o ansiado Apartamento de Autonomia, projeto tutelado pela Segurança Social para jovens institucionalizados com mais de 15 anos.

“Era uma prioridade, porque ficávamos apreensivos com o que iam fazer os meninos de

18 anos”, aponta Helena Oliveira, presidente da instituição criada há quase 20 anos. “Elas vão ser 100% responsáveis pelo processo de tomada de decisão”, explica Maria do Céu Brandão, diretora dos Serviços Sociais.

As quatro sabem disso, e dizem-se preparadas. Afinal, a Casa do Sol foi um período de pré-autonomia, em que aprenderam a gerir a vida. “Agora, vai ser na totalidade. Vamos ter de assumir tudo, para nos prepararmos para quando formos mesmo viver sozinhas”, diz Cláudia.

Vidas em livro

“Eu e a Liliana fizemos um acordo. Queremos unir-nos e editar um livro, uma parte dela e outra minha”, anuncia Tatiana. “E, no entanto, sobrevivemos” é o título que quer dar à sua parte do livro, que encherá de poemas. “Já tenho 32”, conta, orgulhosa, sem reticências quando se afirma sobrevivente.

A parte de Liliana será para contar a história da vida dela, confessa a própria. Linhas que marcarão o antes e depois da institucionalização. ●



“Não é um projeto para a vida. É para dois ou três anos. Elas têm de se autonomizar”

Helena Oliveira
Presidente da ASAS